

migração
interne

20 - Vitória (ES), domingo, 20 de julho de 2003

GRANDE VITÓRIA

A GAZETA

LEMBRANÇA

Laurete Santos lembra a trajetória do pai, Manoel, que deixou o Estado de Alagoas e trabalhou no Porto de Vitória, após a montagem da Ponte Florentino Avidos



EMPREENDEDOR

José Mota de Oliveira, o Zé Preto, deixou o interior da Bahia para montar um bar no alto do Jaburu, onde vive com seus conterrâneos

SABOR

A sergipana Lindaura Santos, com sua neta capixaba, diz que sente falta dos peixes do São Francisco, região onde foi criada



Em busca do eldorado

Além da vista maravilhosa da Capital, o bairro do Jaburu tem uma curiosidade que muita gente desconhece: é um dos maiores redutos de baianos da Grande Vitória. São tan-

Migrantes do Nordeste do Brasil, a maioria baianos, habitam verdadeiras vilas na periferia da Capital, para onde vieram em busca de novas oportunidades de trabalho

Por ano, são 4 mil migrantes

A Prefeitura de Vitória aten-

maiores redutos de baianos da Grande Vitória. São tantos, que os moradores chegaram a apelidar de “vila baiana” a parte mais alta, onde se concentram os migrantes.

Além do Jaburu, outras regiões na Capital, através dos anos, têm acolhido para migrantes, sobretudo nordestinos. São alagoanos, paraibanos, sergipanos e cearenses, que escolheram a periferia, sobretudo os morros, para fixar residência.

Odete Maria de Jesus, 58 anos, que morava em Argolo, Sul da Bahia, e veio para Vitória há nove anos, é um exemplo. Ela conta que, a medida que os filhos conseguiam emprego na Capital, a família se transferia para o Jaburu. “Vieram minha mãe, sete filhos, netos, noras. São mais de 30 pessoas”.

Uma das noras de Odete, Marinalva da Silva, 24 anos, explica que, em Vitória, há mais recursos para os três filhos. Além disso, a renda subiu. “Conseguimos construir um barraco”. Eles largaram a lavoura de cana, onde recebiam menos de um salário por mês, e trabalham como empregadas domésticas e pedreiros.

Marivalda Silva de Jesus, 25 anos, mora na Bahia e faz visitas constantes aos parentes. “A gente tenta se manter unido”, diz ela, que é filha de Odete e cunhada de Marinalva. Dos costumes, poucos são mantidos. “Não ficamos sem feijão de corda, mas prefiro a moqueca capixaba”, diz.

José Mota de Oliveira, 63 anos, montou um bar na “vila baiana” e perdeu a conta de quantos conterrâneos estão lá. “É muita gente que vem atrás de serviço”, comenta.

Alto Caratoíra é outro local onde baianos são figurinhas fáceis. De Ilhéus, terra de Jorge Amado, veio Gielze da Silva Gomes, 72. “Tenho vontade de voltar, mas os filhos não querem”, diz.

Nordestinos

Além dos baianos, outros migrantes, em sua maioria nordestinos, encontram em

JUSSARA BAPTISTA



Fotos de Fábio Vicentini e Daniela Martins

Juntos

A família da baiana Odete de Jesus (de blusa verde) se transferiu para Jaburu, em Vitória; sua mãe, Amélia Maria, sete filhos, netos e bisnetos moram na ‘vila baiana’

A Prefeitura de Vitória atende a cerca de 326 migrantes por mês (quase quatro mil por ano), a maioria sem recursos e que vêm para a Capital, com o objetivo de fixar residência.

Por meio do Programa de Atendimento ao Migrante Cidadão de Vitória, da Secretaria de Ação Social, Trabalho e Geração de Renda, o serviço foi iniciado em 1989.

Abriço

De acordo com a administradora do Programa, Renata Freire Ferreira, o objetivo é oferecer assistência ao migrante de baixa renda, por meio de orientações técnicas, concessões de passagens e, em caso de necessidade, abriço, higienização e alimentação por período previamente estabelecido.

Além disso, o programa oferece ainda condições para que os migrantes busquem alternativas de sobrevivência, desenvolvendo algum tipo de atividade.

Do total de passagens (2.052) fornecidas no ano passado para que os migrantes retornassem aos Estados de origem, a maioria foi para a Bahia (557), além de Rio de Janeiro, com 338, e São Paulo, com 176.

O atendimento ao migrante é feito na Avenida Dário Loureço de Souza, no bairro Mário Cypreste, em Vitória, todos os dias da semana, incluindo sábados, domingos e feriados.

Para participar do projeto é preciso ser migrante, ter documentos de identificação com fotos e ser maior de 18 anos. A exceção é para crianças e adolescentes que estejam acompanhados de seus pais ou responsáveis.

Inglês no Alto Caratoíra

Nem só de vilas nordestinas é formada a ilha de Vitória. Descendentes de ingleses também estão presentes na

Além dos baianos, outros migrantes, em sua maioria nordestinos, encontram em Vitória o eldorado para fugir da miséria. A sergipana Lindaura Santos, 52 anos, sente falta do peixe do São Francisco, região onde foi criada, mas escolheu Vitória para criar os netos, como a pequena Wivian Rivana de dois meses. "Aqui consegui construir minha casa".

Um dos bairros com maior tradição é o Morro dos Alagoanos - como o nome revela, formado por migrantes de Alagoas. De acordo com o líder comunitário Raimundo de Oliveira, a migração começou no final da década de 20, com o início da construção da Ponte Florentino Ávidos.

Segundo ele, na época havia um grande fluxo de migrantes do Norte e Nordeste com destino aos conglomerados urbanos. "Vitória era passagem onde embarcações eram reabastecidas. Muitos ficavam por aqui".

Laurete Santos, 67 anos, relembra a história do pai, Manoel Caetano da Silva, um dos pioneiros, que veio de Palmeiras dos Índios, aos 21 anos, trabalhou na ponte e no porto.

Juntos

A família da baiana Odete de Jesus (deusa verde) se transferiu para Jaburu, em Vitória; sua mãe, Amélia Maria, sete filhos, netos e bisnetos moram na 'vila baiana'



Perfil

Dados do Censo 2000 do IBGE indicam que 19% da população capixaba é formada por migrantes. Ao todo são **591.754 moradores**, de um total de **3 milhões** de habitantes

286.978

Mineiros



122.650

Baianos



92.320

Cariocas



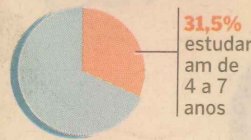
24.404

Paulistas

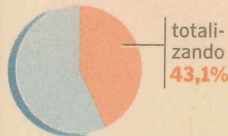


Fonte: IBGE

Dos migrantes que vieram para o Estado de 1995 a 2000,



O Espírito Santo é o segundo Estado da Região Sudeste com maior migração interna e externa



Do total de pessoas de fora que vivem no Estado

49,7% Brancas

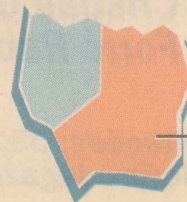
42,2% Pardas

6,8% Negras

0,4% Indígenas

0,3% Amarelas

A Serra é o município que mais recebe migrantes



64,6%

da população que mora na cidade não nasceu lá.

A Gazeta/Ed. de Arte

da família de sua mãe. A família de sua mãe também está presente na ocupação do bairro de Caratoira, na Região da Grande Santo Antônio.

De acordo com o líder comunitário do Morro dos Alagoanos, Raimundo de Oliveira, que também é estudioso da história da Grande Santo Antônio, no início do século XX um grupo de técnicos ingleses veio para o Estado para iniciar a instalação elétrica da Capital.

Os imigrantes eram funcionários da extinta empresa norte-americana Companhia Central Brasileira de Força Elétrica, atualmente Escelsa. "Quando concluíram a obra, os técnicos optaram por ficar morando em Vitória, no Alto Caratoira", contou.

Entre os sobrenomes dos moradores do morro estão Ford, Jonhson, Gebara, Phillips e Blackman.

Um dos descendentes, que preferiu não ser identificado por não ter certeza da história de origem do pai, cujo sobrenome era Roberts, disse que os imigrantes costumavam ler a Bíblia em inglês e praticar boxe.